

De Nassau a Ulysses

P4 14 OUT 1985

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

O GLOBO

São muitos, como sabemos, os estímulos destes tempos de Constituição nova. Nova e para uns tantos insegura como noivado de solteirona...

Em Pernambuco, além do estupor ou do gáudio com a anexação de Fernando de Noronha, reacendeu-se uma discussão antiga, desdobrada em duas questões.

Inicialmente, se foi ali que verdadeiramente funcionou a primeira assembléia legislativa do Brasil; depois, sobre a sua efetiva expressão congressual.

A verdade é que de 27 de agosto a 4 de setembro de 1640, 55 representantes eleitos das capitânicas de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba se assentaram para "decretarem estatutos e leis para se governarem em paz e quietação".

Era o Congresso dos Escabinos que ao deliberar submeteria as suas decisões ao Conselho Supremo e à Assembléia dos Dezenove, na Holanda.

Nassau o instalou com pompa e circunstância, conforme os relatos preciosos de Frei Manuel Calado. Houve banquete, sons de trombetas, bater de caixas militares, peças de artilharia salvando no mar e na terra, estridor de armas. Mais ou menos como se planejou, agora, para a promulgação da Nova Carta.

Tudo, àquele tempo, muito à moda nassoviana, atenta ao ruído e ao foguete de lágrima, como igualmente zelosa da modernidade das ações e da tempestividade dos atos.

Não se esqueça de que em sua gestão invasor e invadidos con-

viveram em estilo não de todo mau, a ponto de enciumar a nada complacente Companhia das Índias e a despeito do sentimento nativista, nunca sonolento, que mais tarde eclodiria em Guararapes, quando, expulsos os holandeses, foi possível "escrever com sangue o endereço do Brasil", na bela expressão de Gilberto Freyre.

Mas teria sido essa a primeira de nossas assembléias?

Brandenburger vai mais além e diz: foi "o primeiro parlamento que se reuniu na América do Sul e o único por dilatado tempo", entendendo que nele estão as raízes da independência que Pernambuco ofertou ao Brasil. Oliveira Lima segue o mesmo caminho e com entusiasmo sem medidas: "Era nada mais nada menos do que a introdução, conquanto em elevada dinamização, de um regime novo em um País fechado até então a todo movimento europeu, entregue exclusivamente à luta pela vida animal."

Mas como hoje em relação à Assembléia Nacional Constituinte, não faltam fortes reparos ao congresso de Nassau. Nada de centro das idéias libertárias de Pernambuco, nada de parlamento. Pelo contrário, dizem, mais ou menos a uma só voz, José Antonio Gonsalves de Mello Neto, Luís Delgado, Potiguar Matos — todos eles grandes e respeitáveis mestres: nada além de uma reunião inoperante que não se inscreveu em realidade e prática.

A assembléia não passaria de um jogo de cena do astuto prin-

cipe para mobilizar os senhores de engenho e moradores contra os campanhistas, aqueles que iniciavam as guerrilhas da "Restauração Pernambucana".

Mas convenhamos, em calma, de que muito do que se tem dito em desfavor desse congresso nassoviano vem com as tintas de certo gosto pelo lusiada. Nem o congresso de Nassau teve como significado o de iniciar a democracia entre nós, como se tudo tivéssemos a aprender com a Holanda; nem podemos agora ficar a nos envenenar com o radicalismo de um Mário Neme, para quem os holandeses nada tinham a ensinar aos pernambucanos em matéria de organização política.

O "testamento político" que legou aos seus sucessores, a elite de artistas e técnicas de que se cercou, o pioneirismo de certos serviços não sugerem ausência de talento de verdadeiro homem de Estado. Quando se foi, os do Recife temiam se aniquilassem "tudo o que com sua presença floresceu e se alcançou".

Afinal de contas, lá estão, nos vitrais do Palácio da Justiça, no Recife, as imagens do Congresso dos Escabinos. Ninguém as tirará de lá, como ninguém vai sonegar entre outros ingredientes desta controvérsia Constituinte a calva e a tenacidade do Dr. Ulysses; o tanto que a Carta tem de senóide; nem das impressões digitais de Sarney que a convocou e de parte dela discordou.

Cuidado com a História, minha gente!